

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: **Carlos Malheiro Dias** — DIRECTOR ARTÍSTICO: **Francisco Ceixeira**

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Anual..... 4800
Semestre..... 2800
Trimestre..... 1800

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa
PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑHA

Anno..... 88000 | Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000 | Mez (em Lisboa)..... 7000

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — **Rua Formosa**

EDITOR — **José Joubert Chaves**



Summario

NO ANNIVERSARIO DA MORTE DE D. GUILHERMINA SILVA GRAÇA, por A. Vidal.—2.ª EXPOSIÇÃO DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA», com 18 illust.—A INFANTA DE PORTUGAL, MÃE DO REI DE SAXE, por R. Martins, com 11 illust.—CHRONICA THEATRAL, com 6 illust.—COMO SE FAZ O DINHEIRO, com 13 illust.—VISITA DO PRINCIPE GUILHERME DE HOHENZOLLERN, com 16 illust.—COMICIO.

A mais importante casa de automoveis em Portugal



BEAUVALET Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
[PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA]



O melhor relógio em ouro, prata e aço.
O unico que em dois annos conseguiu impor-se
a todas as outras marcas.

A venda em todas as relojoarias e ourivesarias do paiz.

Lisboa



J. Castello Branco

BICYCLETES

R. do Socorro, 14
R. de Santo Antão, 32 t 34



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL



No anniversario da morte de D. Guilhermina
Silva Graça

27 — 2 — 1906 — 27 — 2 — 1907

Senhor:

A dôr profunda, a dôr enorme
É como um vasto mar que nunca dorme.
Se mostra quando em vez a face calma,
É que fechou a dôr . . . fechou-a na alma,
Onde ella, igual á Phenix, soluçante,
De si propria renasce a cada instante.

Os annos, desfibrando as utopias
Nos remoinhos de ingratas ventanias,
Sacudidas das azas do desgosto
Desde a manhã da vida até sol posto,
Ah! . . . os annos não logram desfazer
O que vive connosco, e ha de viver
N'um sagrado e perpetuo monumento
Construido de magoa e sentimento,
E onde erguemos, de lagrimas vestida,
Uma doce visão estremeçada.

Eu sei o que é soffrer, que a desventura
Acorrentou-me á rocha da amargura.
É por isso em minh'alma se reflecte
A dôr que as outras almas acomette.
Ah! sei tomar o pulso á anciedade
Em que palpita a arteria da Saudade,
E sinto com ternura, e sinto então,
Que o espirito que soffre é meu irmão.

Ajoelhemos dizendo o nome seu
Porém a vossa Filha . . . não morreu! . . .

ANGELINA VIDAL.

2.^a EXPOSIÇÃO
D'ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A - OBRA - DE -

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Na passada segunda-feira abriu a exposição da obra cerâmica do illustre Raphael Bordallo, na sala d'exposições do *Século e Ilustração Portuguesa*, que o leitor já de certo conhece e visitou. O successo d'este certamen excedeu completamente a expectativa, e gostosamente o diremos, serviu a nos consolar dos arduos e sacrificados labores soffridos em fazer viavel um projecto de tão difficil execução.

A materia prima da faiança é fragil e d'arriscada transferencia; os possuidores de peças artisticas em barro sentem um terror panico ao deslocal-as de movel para movel, quanto mais cedel-as a uma exposição onde os empregados e o publico podem não ter por ellas o mimo commovido que exige uma arte assim fragil e susceptivel. Resultado: de quarenta pedidos d'emprestimo feitos a possuidores de peças unicas de Bordallo, apenas quatro ou cinco venceram a repugnancia de as ceder; de sorte que o melhor da obra não pôde publicamente exhibir-se, e lá continúa ciumentamente guardada nos pequenos museus e collecções particulares.

Apesar de tudo, a serie de peças que conseguiu reunir é o bastante para dar do genio ceramista de Raphael Bordallo uma idéa, se não diremos completa, ao menos sufficientemente documentada para uma synthese perfeita da obra d'esse fogoso e admiravel trabalhador.

Desde a fabrica do Rato que a faiança portugueza perdea caracter artistico e se reduzira a uma ephemera exploração d'industrias rotineiras. Certas peças das Caldas, exemplo os pratos d'enguias e mariscos, sobre musgo, soberbos de colorido e execução, e que parecem tocados pela espatula e dedos de Polissy, é certo conservam o cunho hieratico da grande faiança; não passam porém de reproduções integras de antigos modelos, desgraçadamente anonymas, e nem fazem serie por onde fazer passar o fio de gerações ou dynastias d'artistas, cujos nomes, se os houve, o esquecimento os comeu d'uma assentada. Com Raphael Bordallo a ceramica das Caldas inaugura um periodo de vitalidade moderna e vida consciencia. Sem duvida os primeiros annos de procura são difficéis: a tempera dos Barros, o estudo das colorações e dos vidrados, problemas eternos, fugaces na vida caprichosa do fogo, collaborador nem sempre fiel do ceramista, aterrorisam por vezes a expectativa corajosa do louceiro inexperiente, e dão-lhe esse frenesim terríveis, esses surdos desesperos que só conhecem os desgraçados investidos do poder de despertar para o sonho da poesia e da belleza esse



Os dois aspectos da borracha oferecida por Raphael Bordallo Pinheiro ao grande actor Taborda

tos bestiaes de materia bruta, que é lama, ou rocha, ou metal bronco, e d'onde surge a amphora, a estatua, a torre esbelta, a um gesto do homem tomado Deus pelo poder do genio refulgente.

D'uma aprendizagem longa e trabalhosa, cuja linha ondulada pôde seguir-se na obra de Raphael Bordallo, e onde, como não podia deixar de ser, a espaços a caricatura do caricaturista se intromette, brota emfim o artista ceramico estylado, seguro do processo, todo cheio das graças senhoris d'um esculpturino que é ao mesmo tempo anotador de costumes e pintor ornamentista: e é então a época das peças de prova, das grandes composições atochadas de phantasia, da jarra manuelina, das jarras Relvas, do centro de meza Luiz Fernandes, dos relogios Manuel Gomes e D. José Pessanha, das figuras para o Bassaco, das estatuetinhas de typos populares e caricaturas, dos pratos em alto relevo, com animaes, plantas e flôres—dos animaes estylisados, gallos, peiús, rãs verdosas plantadas como Budhas; dos peixes, dos golfinhos, dos moringues ornados, das NN. Senhoras e dos Santo Antonio populares,—de toda essa flora e fauna portuguezas, emfim, que elle exprimiu com tão humoristica graça e tão impulsivo movimento, e que ninguém mais fixará na nossa idade com o talento

culdades creadoras que esse espantoso cerebro radiou e definiu no barro ingrato.

A exposição Bordallo deu uma sala deliciosamente esparsa e decorada. Se a mão commovida do



Moldura offerecida a João Rosa—(Figuras em terra collas pintadas a oleo)



Outro aspecto da borracha offerecida por Raphael Bordallo Pinheiro ao grande actor Taborda

exhaustante que elle lhe deu. Entre os barros de Machado de Castro e a ceramica artistica de Bordallo Pinheiro não ha um nome de barrista a inscrever ao nivel d'estes dois. Dentro d'um seculo, quando da numerosa obra de Bordallo dois terços fôr partida e estragada pelo tempo, o que restar da improvisação maravilhosa e laboriosa d'aquellas mãos patricias e divinas será para os possuidores um thesouro de preço inestimavel. Tudo se encaminha para que a gloria de Raphael Bordallo se avolume e reverbere na proporção dos annos se alongarem, em vez de esmorecer como a de tantas ephemerhas cigarras que na intellectualidade portugueza tem cantado. Ainda se não viu bem o papel representado por elle na cultura artistica da ironia, nem, n'uma exposição da obra total do ceramista, o enorme concurso de fa-

filho poria mimo tocando a obra espiritualizada do grande homem! A' noite, com a iluminação electrica profusa, o espectáculo é quanto pôde ser de bello e peregrino. Ao fundo da sala, preside o retrato de Raphael, por Columbano. As tintas enegreceram um pouco, e a face, em vez de rir, como na vida, tem agora uma expressão dramatica profunda. As peças pousam sobre *etâgêres*, pedaes mostradores.

No galbo dos jarrões, os tons do vidro phchromisam reflexos metallicos. Amphoras alongam os côlos—molhos de vides estorcem-se nos bojos, pendendo cachos, derodeando de parras os azilhões esbeltos, que palpitam.

Que maravilhas de vaporosidade, que humor de figurinhas caprichosas, que proeminente invenção de accessorios e fôrmas decoraes!



Moringue ornamentado—Pertencente ao sr. Gonzaga Gomes



Aspecto geral da exposição.

Os que não acreditavam no Raphael ceramista, venham aqui dobrar o joelho deante d'uma das mais fulgurantes cabeças d'artista que a terra de Portugal tem produzido.



Moldura oferecida a Eduardo Brazão, tendo ao lado a errata a figura do «Amigo Fritz.» Terra cotta pintada a oleo

Os esforços de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro, organisador da exposição, para reunir da obra do artista extraordinario os mais numerosos e bellos documentos, foi, quanto possível, coroada de exito.

Faltam, é certo, n'este conjunto precioso, alguns dos attestados mais brilhantes da surpreendente e genial actividade do glorioso resurgidor da ceramica portugueza. Entre as grandes peças sahidas da fabrica das Caldas da Rainha, a *Jarra Beethoven*, essa obra prima de concepção e esse milagre de technica, está decorando a estas horas o salão de musica do palacio de Gattete, a morada official dos presidentes da republica do Brazil, e a *Jarra Mamequina*, o clou da exposição realisada ha 7 annos na antiga livraria Gomes, ao Chiado, jaz, quasi esquecida, n'um dos aposentos do palacio real de Mafra. Mas se impossivel se tornava reunir toda a immensa obra, dispersa em mãos ciosas de particulares, o que a *Illustração Portugueza* a estas horas expõe no seu salão de festas constitue o mais fulgurante documento d'essa fecundidade sublimae de creador e fantasista, que, durante mais de 30 annos, se desentranhou em maravilhas, Pela primeira vez o



Modelo do centro Renascença, propriedade do ex.º sr. Luiz Fernandes

publico pode fazer do merito e da complexidade multiforme d'essa obra immensa uma nitida ideia e tambem pela primeira vez a critica se pode exercitar com consciencia pela observação em conjunto de grande parte da produção de Raphael.

Assim, a *vitrine* central da sala, — a que antes se deveria chamar um enorme escritorio, — encerra um verdadeiro thesouro de arte e representa um rutilante titulo de gloria, dando a Raphael um proeminente logar na dynastia dos Lucca della Robia e dos Palissy. Desde os prodigios de modelação das figurinhas que ornamentam o relógio do sr. D. José Pessanha, representando um quarteto de cordas em trajes Luiz XV e as phases galantes de um minuetto de corte, até ás experiencias concludentes dos reflexos metallicos, que dão a Raphael a prioridade sobre todos os ceramistas contemporaneos de haver encontrado, em sabias combinações, aconselhadas pelo seu genio devinatorio, cambiantes ineditas, tidas, durante muito tempo, como impossiveis de obter na faiança cozida a grande fogo, — tudo alli, n'esse pequeno agrupamento de maravilhas, tem o valor estimativo de thesouros, que em breves annos os colleccionadores e os grandes museus haverão de disputar em lances sensacionaes e a peso de ouro.

Se se disser que esses verdadeiros monumentos da arte ceramica representam, na sua maioria, como exemplares unicos, dadas do artista, como a borchacha pertencente ao actor Taborda, as molduras



Uma tourada n'um chapéu—(Uma das mais notaveis peças de Raphael Bordallo)

dos actores Brazão, Augusto e João Rosa, o candelabro do sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco, a jarra do sr. dr. Sousa Viterbo, o relógio do sr. Manoel Gomes — que não figura, infelizmente, na exposição, — e a bilha do sr. Gonzaga Gomes, teremos assignalado uma das caracteristicas do grande artista, a quem chamaram perculdario, e que consumiu uma terça parte da sua vida a trabalhar generosamente e jubilosamente para os outros, contente de poder, n'uma terra tão desamovavel para os artistas, confiar á posse affectuosa dos amigos a mais bella e esplendida parte da sua obra.

E o que ella vale, essa obra, que o actual governo julgou de pouco merito para continuar a merecer-lhe o pequeno subsidio necessario á laboração da fabrica escola das Caldas, ajusaram-no os milhares de visitantes que, no decorrer d'esta semana, passaram, encantados e surpreendidos, pela sala da *Illustração Portugueza*.

Levar-nos-hia longe o minucioso exame das peças que constituem a maravilhosa exposição das obras do Mestre. Este precioso e inconfundivel mostruario



Prato de caças
(Modelo em faiança de Raphael)

artístico impõe-se por tal forma que, d'aqui a cinquenta annos, os seus elementos dispersos terão mais do que centuplicado de valor. Elle exprime, com todo o seu colorido, a sua verdade flagrante e a sua tumultuaria e exuberante phantasia, toda a capacidade, mental e artística, d'uma epoca. E de Machado de Castro a Raphael Bordallo, a tradição da cerâmica artística liga-se sem esforço, n'uma delicada visão de conjunto que perpetua aquelles dois nomes, — tão ponderada e academica no primeiro, como, no segundo, argamassada e cosida no forno ideal do Genio.



Cantil ornamentado (terra cotta)

nossa sociedade. O culto da Belleza está valendo agora, mais do que nunca, as honras d'uma verdadeira religião, por assim dizer, nos paizes mais adiantados. Onde quer que, hoje, se ponha um pouco de ardimento e de paixão no encaminhar evolutivo do problema da educação collectiva, todas as soluções pacificas teem a primazia, e procura-se de preferen-

cia estimular tudo quanto possa trazer um pouco de suavidade ao coração e tornar claras as aspirações da alma.

Ora como o coração e a alma não vivem senão, principalmente, da reflexa luz do espirito, d'ahi a necessidade de avivar e completar n'este as lições que nos mostram como, espiritualmente sentida, a vida é bella e a missão social humana é boa. Lições d'estas, que a pedagogia official não abrange, que a noção banal do ensino commum não alcança, são as que melhor se obtêm por uma forma impressiva e pratica, pela suggestão objectiva dos assumptos, pela composição racional e harmonica de grandes periodos de actividade por parte da mesma creadora energia. São, evidentemente, exposições como esta, onde o grande publico, attrahentemente chamado, vem receber de repente, — como um relampago afinador, — a triumphante revelação de deliciosas coisas ignoradas, e recebe a sonhadora emoção de vagas aspirações, e a como que noção consoladora e alta d'um outro destino.

A *Illustração Portugueza* procura assim dar cumprimento ao seu elevado pensamento civilizador. Methodica e suavemente, ella tenta interessar a sociedade portugueza n'uma ordem de assumptos, que lhe são fundamentalmente essenciaes no ponto de



Margarida vai á terra
(Terra cotta)



Moldura offerecida a Augusto Rosa — (Figuras em terra cotta pintadas a oleo)



Vaso ornamentado—(Terra
cotta)



Bule ornamentado—Pertencente á viuva de Raphael Bordallo



Maria—(Figura em Terra
cotta pintura a oleo)



Zé Povinho—(Figura em
Terra cotta pintura a
oleo)



Bilha ornamentada.



Outro aspecto da Exposição



Outro aspecto da Exposição

vista do seu progresso, mas a que a dura labuta da vida e o giro implacável dos interesses a traz de ordinario alheia.

São indispensaveis elementos de progresso, evidentemente, certamens como este. É como o pro-

gresso é uma das condições da felicidade, segue-se que, persistindo n'esta orientação e seguindo por este caminho, a *Ilustração Portuguesa* procura trazer a sua parte de collaboração benemerente à felicidade humana para a sua terra.



Assobio de barro vidrado—(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)



Jarrinha manuelina, oferecida ao dr. Sousa Viterbo



Santo Antonio—Terra pintada—Pertence a D. Zélio Franco Teixeira



Infanta D. Maria Anna de Bragança, filha de D. Maria II e mãe do actual rei de Saxe

A S ORIGENS DA CASA REAL DE SAXE © D'UM DUCA-DO GERMANICO AOS GRANDES TRONOS © OS SEUS RAMOS © OS SOBERANOS DA SUA RAÇA © QUEM É A FUTURA RAINHA DE PORTUGAL.

O mais remoto avoengo da casa real de Saxe foi Thiadmar de Wettin — um usado guerreiro das hostes de Luiz o Germanico que lhe doou o territorio com seus castellos e lhe aconselhou os leões para o brazão.



A rainha D. Maria II, mãe da infanta D. Maria Anna

Sem duvida Thiadmar era bravo e como essas leguas da Allemanha do Norte, abastecidas pelas aguas do Mulden e a meio da bacia do Elba, careciam do olho vigilante d'un senhor e do braço rijo d'un capitão, o rei, em boa politica, mandou-o arvorar ali a sua signa.

A meio do seculo XV, esse viveiro de principes saxões, reinantes na Polonia e eleitores no ducado, ergarçou-se em varios ramos, creou novos rebentos e assim foi gerada a linha Albertina —



a da casa real — a Ernestina, do eleitor Ernesto, d'onde sahiram outras linhas, duas familias, as de Weimar e Gotha e tambem as de Saxe Meiningen e Hildbourghausen, Saxe Altenberg e Saxe Coburgo Gotha esta nascida do duque João Ernesto, todas ansiosas de predomínio, de alargarem os palmos de terreno onde reinavam.

Essa familia de Saxe Coburgo Gotha é a que mais conseguiu enxertar-se nas arvores das casas reinantes da Europa actual, atirando-lhes os laços brandos do amor, ligando-as em cadeias de flores de laranjeira e em sorrisos ternos de principes loiros e de princezas lindas. Foi d'este modo que os feundos e perseverantes Coburgo, reinando no seculo passado apenas nas pollegadas do seu ducado teutonico, governam hoje quinhentos milhões d'almas e desviaram dos orçamentos muitos principes pesados á nação.

Alberto de Saxe Coburgo Gotha casou com a rainha Victoria d'Inglaterra e logo o ducado, por morte de Ernesto IV, o delicado musico da *Sainta Chiara* e da *Zaira*, passou a um membro da familia real ingleza, Alfredo d'Edimburgo, o pae d'essa gentil princeza Beatriz, já indigitada para futura rainha de Portugal a



A rainha D. Estephania, esposa de El-Rei D. Pedro V

continuar a ligação dos Coburgo com os Bragança começada em D. Fernando, marido de D. Maria II e seguida na casa de Saxe pelo consorcio da infanta D. Maria Anna com o principe Jorge da Saxonia.

Outro irmão de D. Fernando casou com a princeza Clementina, filha de Luiz Philippe, e assim se alliaram os Coburgo com os Orleans, tornando-se cunhado de seu tio Leopoldo I, que era rei dos belgas. As irmãs casaram, uma, a princeza Julia, com o grão duque Constantino da Russia, a outra com o duque de Kent.

D'este modo a casa dos Coburgo está nas mais poderosas dynastias; o seu sangue forte, teutonico e regio está nas veias de Eduardo VII, Leopoldo II, Carlos I de Portugal, Fernando da Bulgaria, nas da czarina Alexandra Federowna e nas de Guilherme II da Allemanha.

São elles os descendentes da antiga casa da Suabia, de que o rei de Saxe é hoje o incontestavel chefe. Assim, Saxe, o paiz pequeno, encaivado n'essa terra allemã, desenramado em ducados, foi a origem d'essa conquista de thronos e as suas cores nacionaes — o branco e o verde — seriam os symbolos d'uma larga esperanza de paz na Europa entre esses principes do mesmo san-



D. Pedro V



que, se ella ainda dependesse da vontade dos reis.

O CASAMENTO D'EL-REI D. FERNANDO COMO D. MARIA II EDUCOU OS FILHOS D. PEDRO V E

A MÃE DO ACTUAL REI DE SAXE AS SUAS VISITAS AOS ARRABALDES DO MOLEIRO DO ALVITO

Já ligada á dynastia de Bragança, a casa real de Saxe mais se lhe juntou pelo casamento da infanta D. Maria Anna, filha de D. Maria II e de D. Fernando, com o príncipe herdeiro da Saxonia, pae do rei actual.

D. Maria Anna de Bragança, nascida nas Necessidades em 1843, 21 de junho, foi como todos os filhos da rainha constitucional creada em uma atmosphera de severidade.

Acabára a epoca em que aos príncipes bastava o donaire de bem terçar armas em justas e o valor de commandar exercitos e ás filhas dos reis a prenda da devoção.

Tudo mudára. Os ministros agora chegavam do povo, muitas vezes ainda agitados das arruaças das ruas, ainda com os labios frementes das proclamações, e a rainha, que escutára os tiroteios rijos e a voz clamante e rhetorica de Passos Manuel, que parecia espicaçada pelas bayonetas revoltadas, dirigiu a educação dos filhos para o

contacto com o povo, acabou com a arrogancia dos reis absolutos, fel-os quasi eguaes a essa multidão que deviam governar.

Até ahí só a turba cortezá ouvira as palavras dos príncipes; d'então em diante via-se a rainha bater nos fi-

lhos quando elles se esqueciam de saudar os que nas ruas lhes faziam cumprimentos. D. Luiz, um dia, muito creança, não quiz beijar um pequenito do povo e o braço gordo da rainha levou-o até ao pobresito. A's infantas do mesmo modo ensinou essa egualitação e D. Maria de Vasconcellos e Sousa, irmã do marquez de Castello Melhor e aia das filhas de D. Maria II, era obrigada a zelar por isso.

D'este trato e d'esta educação veiu o amor de D. Pedro V pelo povo, a camaradagem de D. João com os seus lanceiros, os modos despretenciosos de D. Augusto, a ternura do pequeno D. Fernando e a bondade das infantas; d'este fructo da educação sahiu tambem o clamor da turba, na hora

em que se falou no veneno que matára o seu rei e os seus príncipes, como se disse entre esse povo, sempre tão prompto para amar quando os soberanos sabem crear esse amor.

D. Pedro V, D. Estephania e D. Maria Anna eram companheiros habituaes de longos passeios. O rei gostava de inquirir das misérias e levava



El-Rei D. Fernando, pae da Infanta D. Maria Anna e avô do Rei de Saxe



O Rei Alberto de Saxe, filho primogenito do Rei João da Saxonia e cunhado da Infanta D. Anna



O Rei Jorge de Saxe, filho segundo do Rei João da Saxonia e marido da Infanta D. Maria Anna



comsigo a irmã e a esposa por esses casebres pobres, e também pelos campos vizinhos do palácio.

Cruz das Oliveiras. Ao verem o rei e as duas senhoras, descobriram-se, foram beijar-lhes as mãos e só en-



A's tardes sahiam pela Tapada da Ajuda, transpunham o portão do Alvito e iam a caminho da Cruz das Oliveiras, onde a mestra regia Felismina de Jesus Maria dava aula. N'uma das vezes da sua visita, a meio da estrada esbarrodada, affeita ao trilhão dos carros de bois, o rei e as suas companheiras pararam com olhares ansiosos em busca d'um abrigo á chuvada que cahia de chofre.

Estavam longe da Tapada, no baixo, n'um descampado, onde apenas havia um velho moinho; o moleiro offercia-lhes entrada, dava-lhes bancos para descaçarem e, sem os conhecer, entrava a fallar-lhes da sua má vida, dos poucos ganhos, da miseria do povo.

De repente á porta appareceram dois pequenitos offegantes e encharcados, com os seus saquinhos de livros e que vinham da aula da



A Princesa Mathilde de Saxe, filha da Infanta D. Maria Anna, a baroneza Saertner e o sr. Infante D. Afonso descendo de bordo do *Cap Blanco* na tarde de 14 de fevereiro

tão o moleiro—avô das creanças—comprehendeu com quem fallava.

Quando a chuva abrandou, o reidisse para o moleiro:

—E' longe... E' muito longe a Escola de Felismina. Pobres creanças...

Depois na estrada, entre as duas senhoras, tornou:

—Devo arrajar uma escola mais perto!

Com effeito a escola foi creada no Alvito e logo outra nas Necessidades. Assim a futura rainha de Saxe ouviu dos labios do maior dos Braganças a nova de que se iam fundar escolas para que os pequenitos pobres não chegassem nas tardes de inverno encharcados aos seus lares.



A Princesa Mathilde de Saxe e o sr. Infante D. Afonso a bordo do rebocador da alfândega que os conduziu ao Terreiro do Paço

O CASAMENTO DA INFANTA D. MARIA ANNA ◊ QUEM TRATOU DO CONSÓRCIO ◊ OS ENORMES NOMES DOS DOIS NOIVOS ◊ AS DATAS FESTIVAS E AS DATAS NEGRAS ◊ O VELHO REI JOÃO DE SAXE

A 30 de janeiro de 1859 os pleni-





potenciarios assignaram o contracto de casamento entre a infanta D. Maria Anna de Bragança e o principe real da Saxonia. Eram esses plenipotenciarios o Marquez de Loulé pelo rei de Portugal e o conde Carlos Fre-

com esse loiro Jorge pelos lindos dias de maio, a 7.

No dia 11 fez-se o casamento na Capella das Necessidades. D. Esthephania sorria ao lado da rei, o Patriarcha lançava a benção aos noivos,

os sinos tocavam festivamente e dentro dos coches pesados, os nubentes entre alas de tropa, foram até ao Paço de Belem onde ficaram um mez, pois a 14 de junho partiram para essa bella terra de Saxe onde deviam reinar. D. Luiz commandou o navio que os levou até Antuerpia.

No mez seguinte morria a rainha Esthephania e D. Pedro V soluçando dizia:

— Nunca tenho uma alegria completa. Ha um mez uns noivos que me fizeram bem e já agora a morte!...

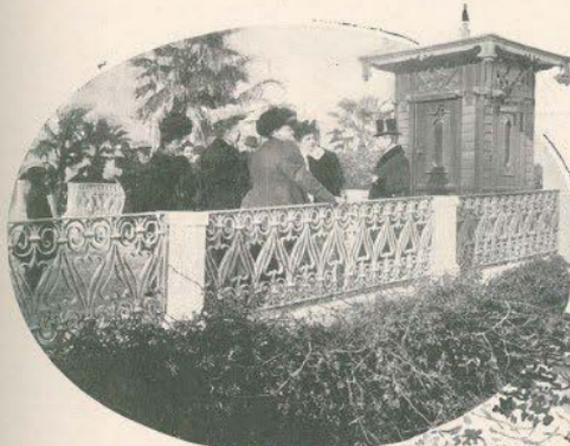
Ia começar o seu luto e o seu martyrio. A irmã não o veria mais; seria rainha vinte e cinco annos, daria ao throno successores emquanto D. Pedro V não podesse nunca beijar um filho, de que teria feito um grande rei, para

este tempo em que os povos mal admittem a hereditariade das corôas.

O contracto de casamento da infanta foi explicito e claro como tudo que D. Pedro V inspirava. Dizia assim:

«Em nome da Santissima Trindade. S. M. Fidelissima D. Pedro V d'uma parte e da outra S. M. João, Rei da Saxonia, tendo concordado com o consentimento paterno de S. M. D. Fernando Rei de Portugal e dos Algarves, etc., para consolidar com a graça e benção divinas as relações de amizade e de parentesco que tão felizmente já subsistem entre Suas Augustas Casas, se effectuasse uma alliança entre S. A. R. o Senhor Principe Frederico Augusto Jorge Luiz Guilherme Maximiliano Carlos Maria Nepomuceno Baptista Xavier Cyriaco Romano, duque de Saxe, filho segundo de S. M. o Rei João de Saxe e de S. M. a Rainha Amelia Augusta, princeza da Baviera, e S. A. S. a Senhora Princeza D. Maria Anna Fernanda Leopoldina Michaela Gabriella Carlota Antonia Julia Victoria Praxedes Francisca de Assis Gonzaga Bragança e Bourbon, etc.»

Os noivos deixavam tratar por elles as chancellarias. Amavam-se; os ministros que falassem dos seus bens, dos seus patrimonios. E assim se disse em dezoito artigos quaes seriam as condições d'esse principesco enlace.



A Princeza Mathilde de Saxe e S. M. a Rainha D. Maria Pia, com suas comitivas, em S. Pedro d'Alcantara

derico Vitzthum de Eckstaedt pelo rei da Saxonia e logo a 7 de março o *Diario do Governo* publicava o seguinte:

Ministerio dos Negocios Extranheiros

Dom Pedro, por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as Côrtes Geraes decretaram e Nós Queremos a Lei seguinte:

Art. 1.º—E' approvedo para poder ser ratificado pelo poder executivo o contracto matrimonial de S. A. S. a Senhora Infanta D. Maria Anna com S. A. R. o Principe Jorge da Saxonia, assignado em Lisboa pelos plenipotenciarios aos 30 de janeiro ultimo.

Art. 2.º—Mandamos portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento da referida Lei pertencer, que a cumpram, guardem e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contem.

E o ministro dos Negocios Extranheiros o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Paço das Necessidades aos 7 de Março de 1859. EL-REI. *Marquez de Loulé.*

D. Luiz, que devia ser rei e que era ao tempo capitão de mar e guerra, foi a bordo d'um navio do seu commando buscar o noivo pelos primeiros soes de abril, a 10, e voltou





QUAL FOI O DOTE DA INFANTA
QUANTO LHE DOUO O REI JOÃO
DE SAXE O SEU JURAMENTO A SUA
SUCESSÃO O IRMÃO D'UM REI, PRO-
FESSOR NA SUISSA



O casamento seria catholico e os navios da armada portugueza levariam os noivos até Antuerpia. A princeza receberia 90 contos de réis em dote, moeda sonante, pagos em Lisboa antes do consorcio, além do enxoval. Os bens que constituíssem a sua parte assim como os que não estivessem liquidados ficariam á disposição da Infanta, sendo metade dos juros para a manutenção da casa.

O rei da Saxonia hypothecaria em fundos, realísados no seu reino, o dote de 90 contos para servirem de hypotheca especial á esposa do príncipe Jorge.

A princeza de bom grado renunciou á successão em Portugal para si e para os seus descendentes e a todos os direitos a ella annexos. Fez o seu juramento compensado por um presente que o rei de Saxe lhe deu no dia seguinte ao do noivado e que, segundo o contracto, ficou sendo, como todos os outros presentes, exclusiva propriedade sua.

O rei de Saxe obrigou-se-hia a dar-lhe seis mil thalers mensalmente (4.300\$000 réis, approximadamente) para as suas despesas miúdas, ficando os encargos da casa ao esposo.

Asseguravam-se logo as condições da successão:

Se o príncipe morresse primeiro, os 90 contos seriam restituídos á princeza ao cabo de um anno, se os pediasse, bem como tudo o que fosse adquirido durante o casamento e o rei de Saxe dar-

lhe-hia por mez vinte mil thalers (15 contos de réis) enquanto vivia.

Ficaria residindo em um dos paços reais se não pudesse ficar na moradia dos soberanos e n'aquelle caso teria a seu cargo a renovação das alfaias e dos moveis.

Se casasse novamente perdia tudo isto. Se soubesse da Saxonia e não tivesse filhos scri-

lhi-hiam entregues tres quartas partes do seu dote, sem indemnisação e sem

palacio. Se tivesse filhos e ella deixasse o paiz ficariam a cargo dos funcionarios indicados pelas leis do reino.

Havendo um novo consorcio, que só se podia fazer ouvidas as duas

familias, perderia o dote, mas se tivesse filhos do primeiro casamento só metade d'elle e as propriedades.

No caso de fallecer antes do esposo — o que succedeu — elle seria o herdeiro, ficando o capital para os filhos e se não os houvesse ella poderia dispôr da terça e tambem das outras partes mas ficando o usufructo ao marido. Se fallecesse vivia e sem filhos tudo seria para os herdeiros *ab intestato*.

Tal foi o contracto nupcial acceteite d'ambas as partes.

A princeza viveu em Saxe vinte e cinco annos, foi rainha; morreu ha vinte e tres. O esposo falleceu ha pouco.

E d'esse casamento, entre a infanta de Portugal e o príncipe da Saxonia nasceram os príncipes Frederico — o actual rei — a princeza Mathilde, a princeza Maria, casada com o archiduque Othon d'Austria, o príncipe João Jorge casado com Isabel de Wurtemberg, o príncipe Alberto e Maximiliano que é sacerdote e professor da Universidade de Friburgo, na Suissa, um douto, um bom e um sabio como seu tio D. Pedro V.

Taes são os filhos da infanta D. Maria Anna sobrinha de D. Antonia, princeza de Hohenzollern que ainda vive e assim essa bella infanta se uniu á casa de Saxe. Os seus descendentes veem a Portugal, o rei, como chefe da casa de Saxe d'onde sahiram os Saxe

Coburgo Gotha, dos quaes descende a princeza Beatriz, que tem 23 annos e um formoso rosto e nas veias o sangue d'essa nobre casa da Suabia, perseverante e forte que tem representantes seus em quasi todos os thronos, pois engalana desde ha um seculo

as corôas reaes em corôas de flores de laranjeira!



O actual Rei de Saxe, que em breves dias será hospede dos Reis de Portugal



Beatriz de Saxe, indigitada como futura esposa de Sua Alteza o Principe Real

ROCHA MARTINS





AMOR À ANTIGA

Peça em 3 actos de Augusto de Castro, representada pela primeira vez no theatro D. Maria II, em 16 de janeiro

Deu-nos a sociedade de actores do Theatro D. Maria uma nova obra do auctor do *Caminho Errado*, peça representada o anno passado no mesmo theatro com um insuccesso que teria desalentado outro escriptor que das suas aptidões como dramaturgo e dos seus talentos litterarios tivessz uma fé menos vigorosa. N'essa peça de estreia, o escriptor, affirmarase, a despeito da sorte pouco feliz que esperava o seu primeiro trabalho — a peça do 5.º anno de Coimbra, *Até que em fim!*, escripta de collaboração com o poeta algarvio João Lucio, não devendo ser considerada senão como uma diversão litteraria, — um dialogador emerito e um humorista de rara observação, maneando a ironia com surpreendente espontaneidade. Mais pela contextura ousada do drama, cuja acção se reduzia a um caso d'amor, se bem que doloroso, excessivamente despido de poesia pela impiedosa minudencia da analyse, do que pelos defeitos da sua execução theatral, em demasia resgatados pelo brilho fluente do dialogo, a obra de estreia de Augusto de Castro poucos dias se demotou nos cartazes.

Não faltou quem o incluísse no numero dos que o theatro inutilisara de vez para o triumpho. Mas Augusto de Castro não esmoreceu com o insuccesso. D'essa experiencia infeliz tirara um ensinamento efficaz. Aprendera á sua custa. Os injustos rumores de desgredo não o atemorizaram nem o desalentaram. Todo o talento que se obstina acaba por vencer, e a Augusto de Castro não faltava nem o talento nem a perseverança. A sua nova peça, que um tão grande exito acaba de obter e a que toda a imprensa se referiu com elogios calorosos, foi escripta com a mesma fluencia expontanea da primeira, em menos de quinze dias, com uma nitidez de visão scenica que faz o espanto dos mestres do theatro,

e que definitivamente consagram Augusto de Castro como um dos mais authenticos temperamentos de dramaturgo, se não o primeiro, da sua geração.

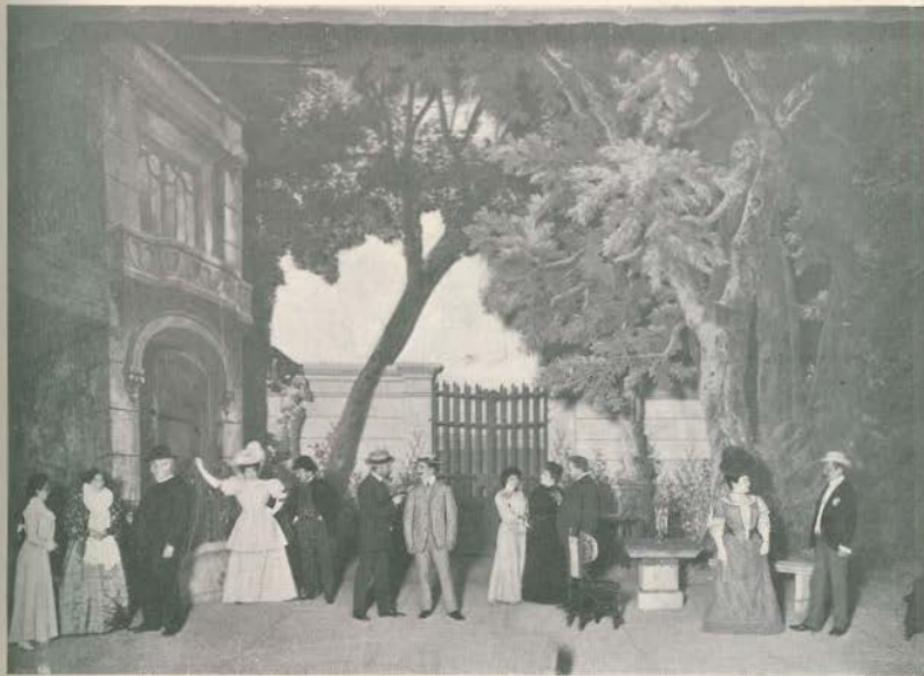
Amor á Antiga é apenas uma comedia burgueza, sem grandes situações, sem conflictos dramaticos de caracteres, sem violencias e sem surpresas. Mas por isso mesmo, dada a sua singela intriga, de um anachronico sabor romantico, ella facilitou á critica e ao publico a avaliação exacta dos meritos do escriptor e a concludente apreciação das suas notaveis e indiscutíveis qualidades de homem de theatro. O seu dialogo magistral desde as primeiras scenas conquistou o auditorio. Augusto de Castro tem o talento de fazer falar com a expontanea apparencia de uma realidade as suas personagens e de as mover com a segurança de um dramaturgo experimentado. Acresce ainda que as suas figuras vivem de uma vida intensa e todas são desenhadas com um excepcional relevo. Entre todas as personagens da acção, nem uma unica, na sua propositada vulgaridade provinciana, é indecisa ou banal. O *Mena, recebedor*, é uma *trouville* de humorista, digna de figurar na galeria das grandes creações da nossa resumida litteratura realista. Para conseguir fazer de uma vulgar aventura amorosa entre uma viuva experimentada e um rapaz sem experiencia esta obra de analyse e de ironia, não basta ser um authentico temperamento litterario, é indispensavel ter do theatro a rara intuição de todos os seus recursos. Representada excellentemente por Annã Pereira, Augusta Cordeiro, Cecilia Machado, Delfina, Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Augusto de Mello, Carlos Santos, Ignacio Peixoto e Cardoso Galvão, a brilhante comedia de Augusto de Castro veio trazer uma imprevisita animação á vegetativa scena portugueza.



Scena final do 2.º acto do «Amor à Antiga»



Scena final do 3.º acto do «Amor à Antiga»



O desenlace do «Amor à Antiga»

VERONICA

Opera-comica de André Messager, traducção de Accacio Antunes, representada no theatro D. Amelia em 15 de fevereiro

Foi em 25 d'abril de ha seis annos que pela primeira vez, em espectáculo de estreia, a companhia franceza de que fazia parte Mariette Sully representou em Lisboa a encantadora opera-comica de Messager. *Veronique* é mais um *vaudeville* do que propriamente uma opera-comica, mas de uma leveza de rendas caprichosamente desenhadas, todo vibrante de uma alegria franca de mocidade amorosa, illuminada pela luz viva dos campos floridos, suavemente tocada de uma sentimentalidade pueril e preciosa, que por habito e tradição litteraria se attribue ás cousas e aos affectos de 1840, epocha em que se passa a acção da peça.

Isto mesmo traduz a musica, sem complicações excessivas, antes orquestrada com essa harmoniosa e suave clareza que é o nobre-distinctivo do estylo francez, n'um desenvolvimento gracioso, em cadencias dolentes, em movimentos de valsa, talvez em desacordo com a maliciosa vivacidade do libretto e as suas alegrias amorosas. Mas d'esse contraste resulta um inexcidível encanto, que de toda a obra se evola como um perfume inebriante. Assim no episodio paizagista da *grisette*, entre as arvores de Romainville; assim no quadró idyllico do balouço, cantado e dito por Mariette Sully com primores inexcidiveis de intenção, e as alegrias cruéis da mulher que se delicia em fazer soffrer:

*Poussez, poussez l'escarpolette
Poussez pour mieux me balancer!*

A intriga, prevista desde logo, da peça inverosi-

mil, como é de uso ser este genero de theatro, malicioso, divertido e alegre, vae desenrolando-se nos tres actos com uma vivacidade que lembra as melhores obras do grande periodo romantico da operetta.

Traduzida agora em portuguez, a encantadora opera-comica obteve o mesmo grande exito de quando a *charmeuse* Mariette Sully nol-a revelou n'uma noite já longinqua de abril de 1901. Palmyra Bastos tem n'ella um dos seus melhores, se não o mais completo dos seus trabalhos de actriz e de cantora. Este papelito romantico vac-lhe como uma luva. De ha muitos annos que o theatro portuguez não via em scena uma peça d'este genero, montada com o capricho e desempenhada com os primores da *Veronica*. Quasi se pôde affiançar que desde as famosas representações do *Barba Azul*, no reinado de Francisco Palha, nunca mais uma companhia portugueza reuniu, para a interpretação de uma opera-comica, elementos de tanto merito. Henrique Alves, Antonio Pinheiro—em substituição de Alfredo Carvalho, que adocera,—Amelia Pereira, Cecilia Neves, Elvira Roque e Etelvina Serra constituem, assim reunidos, um conjunto difficil de egualar n'um elenco de *vaudeville*. E se acrescentarmos que a empreza do D. Amelia prodigamente transferiu para os scenarios campestres da *Veronica* o magnifico corpo de baile, que foi a maior attracção das *Viagens de Gulliver*, teremos sufficientemente traduzido os elogios que são de dever fazerem-se à *mise-en-scene* esplendida da linda opera-comica de Messager.



Ensemble—Scena finale del 1.° Atto.



Em Romainville — 2.º acto



Em Romainville — Os bailados do 2.º acto

COMO SE FAZ

O DINHEIRO



COMO SE FUNDEM LINDAS PEÇAS
D'OIRO O FOGO REDEMPTOR
D'UNS DOBRÕES JOÃO V Á BARRA
D'OIRO A ESCORRENCIA LOIRA O REVIVER DO METAL

Sobre o ferro negro d'uma bigorna luziam os dobrões d'ouro velho que iam ser fundidos e em volta os operarios, chegados por essa manhã regelante á officina da casa da Moeda, olhavam-nos indifferen-

tes, n'um habito, sem os sobresaltos que o ouro excita.

Era dinheiro antigo, do tempo de D. João V, rodellas d'effigies apagadas, gastas, de tom fosco, com as datas e as legendas sumidas pelo trafego de seculos.

Esgarçava-se em frente a bocarra rubra da força, immovel e ansiosa, como uma guella cõr de chaga, deixando a passagem rasgada ao cadinho já atulhado e cingido pela tenaz rija.

Logo se moveram escapadas e palpitanes as linguas de fogo para irem lambem pressurosas o vaso conico onde estava o ouro, logo se ergueram gulosas as chammas, ao comey ageitadas, quasi mimosas, brandas, n'uma cilada, em vagues perdidos como d'uma turba de cortezões curvando-se antes do festim. O fogo tinha ondulações medidas, subidas doces, depois animava-se mais, envolvia o cadinho e dentro em pouco aquella moedas, como n'um inferno, egualitavam-se, deixavam a rijeza, amollentavam-se, perdiam as effigies e eram uma pasta a que o lume se misturava revolto e vermelho.

Para aquillo tinham sido assignados decretos e houvera impostos fortes, tinham-se gravado pertis relativos e falsos de reis; ollã afeitos á pureza se habitaram ao vicio, mineiros aganisaram, ministros organisaram orçamentos, povos gegeram, exercitos galgaram placidas fronteiras e navios combateram nos mares. Para que?! Se todo o odio humano era aquillo—esse ouro—agora feito uma escorrenca loira e grossa, pesada, quente e forte que os operarios moviam ao pegarem com as tenazes nos cadinhos para os vasarem nas rilheiras de ferro enfileiradas defronte das bigornas. E faziam aquillo sem respeito, como coveiros tomando o corpo diluido de um soberano, materia desfeita, sem o



Fornos de recoito



Vasando o metal nos reiheiros

ranho que lhe dera prestigio. Via-se apenas correr esse liquido amarello, como uma lava, despejado d'alto a cair nas fórmas n'um ruido cantante e sonoro d'agua a encher uma vazilha. Por vezes borbulhava, esparrava umas gottas mais vermelhas, lindas como estrelas a cairem n'uma chuva phantastica; depois, postos de lado os cadinhos, voltadas as rilheiras, esse oiro poderoso ficava em barra anegrado, farruscado, misero, grotesco como um principe caido n'um lameiro, inerte agora no chão sujo da officina.

Mas logo o esfregavam, após o arrefecimento, n'uma combinação d'agua e potassa, e elle tomava ós, parecia reanimar-se, ter alento, voltar a ser o

forte por momentos em deliquio e que os operarios levavam ao laboratorio d'ensaios a fim de ser verificado o seu peso e o seu tom. O oiro reintegrava-se; ia de novo ser moeda. Um velho fundidor, tristemente, dizia:

— Isto nunca acaba! É sempre assim... Quando está liquido julga-se que morre... Depois vae ser ainda e sempre dinheiro!

No seu rosto havia, ao clarão da forja, uma expressão resignada e triste, como a d'um pobre diante d'uma fatalidade.

A PHENIX DE HOJE ◉ O RECOITO DA BARRA D'OIRO
◉ A LAMINAGEM ◉ OS BANCOS D'AJUSTE ◉ TRISTES
RODELLAS D'OIRO

Com effeito o oiro, como a Phenix, renascera. Lá estava agora na officina da amoedação onde o mettiam, assim em laminas, n'um largo tubo de barro, como n'um esquite, que tapavam hermeticamente. Depois levavam-no para um novo forno a recozer, dando-lhe aquelle supplicio para o tornarem malleavel e poder ser trabalhado. Os homens assistiam impassiveis áquella operação: encostavam-se ás altas tenazes, calados e d'olho preso no tubo que ia a colorir-se, primeiro a avermelhar-se, depois a azular-se como uma folha d'aço que se tempera, depois ainda a mudar de côres no revoltar das chamas até que os operarios o puxavam para fóra, ao verem que o tubo tomava uma coloração, só d'elles



Fazendo granalha

conhecida, a que nenhum pyrometro poderia marcar com tanta segurança o grau de calor.

Via-se agora o oiro com o seu tom-vivo. A barra larga ia entrar na laminagem, passava na machina successivamente a fim de ficar na espessura desejada para se fazer d'elle algumas moedas lindas de cinco mil réis que iriam depois correr mundo, ter a vida aventureira d'esses dobrões d'onde tinham nascido, sempre indifferentes, sem pismo, habituados a verem, desde a sua sahida do filão até entrarem nos erarios, os homens de todos os tempos olharem-nas com cobiça.

Por enquanto era feita a barra, n'uma medida justa para a moeda que se desejava, faltava-lhe ainda o engalanado da serrilha, a nobreza do cunho, a doçura do toque que seriam como a sua belleza, a sua força e a sua voz.

As barras eram curtinhas e dispensavam, por isso, serem cortadas na grande tesoura automatica, igual a uma bocca voraz de peixe monstro e que ia n'aquelle momento decepando grandes barras de cobre como se fôsem delgadas folhinhas de papel.

A barra passava depois n'outra feira, os *bancos de ajuste*, deixava de ser uma cousa irregular para se tornar n'um bom pedaço d'oiro, prompto a al'n-

dar-se, a ser moeda, com a sua espessura da lei e a que apenas faltava o córte para a saagração do cunho.

Estava linda, assim muito equal, rectangular e sem a menor differença d'um extremo a outro e logo a

levavam para a outra officina onde uma grande machina tomava toda a casa.

Era ali que o oiro ia se cortado. Os operarios faziam subir os braços do colosso e collocavam sob um d'elles a barra. Os instrumentos que a iam cortar eram como punções concavos que ao descerem esburacavam o oiro e geravam uma rodella do tamanho exacto da moeda de cinco mil réis que se desejava. Sem esforço, apenas n'um leve descer, aquella lamina cortava a barra, deixava cahir as rodellas e reduzia

esse pedaço d'oiro, ha pouco tão unido, a um bocado esburacado a que faltavam, em intervallos eguaes, os trechos redondos que seriam logo dinheiro.

Depois, d'esse resto, nova fundição se fazia, passando pelo gabinete do fiel, como de resto em todas as operações, para entrar ainda na forja, com outro oiro, unir-se com elle, ser sempre a barra e logo a moeda, n'um motu continuo e sem um desperdicio, o que fazia ha pouco o velho fundidor dizer:



Lavando as barras do metal



Partindo as barras de prata

—E' isto... Nunca se acaba... Rola, corre mundo, volta e é sempre dinheiro!

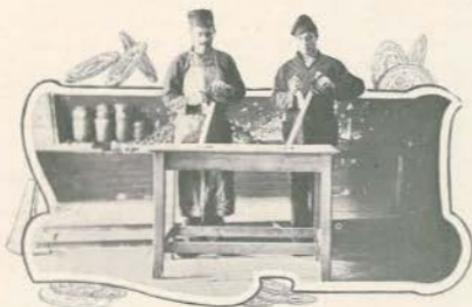
A SAGRADAÇÃO DO CUNHO @ A SERRILHA @ A BALANÇA
DA JUSTIÇA @ COMO SE APARTAM AS MOEDAS
SOLITAS DAS REPROBAS @ OS ALCHIMISTAS E OS ANAR-
CHISTAS

Aquellas simples rodellas eguaes, do mesmo tamanho e da mesma espessura, pareciam banaes, eram apenas pallidos boccados d'oiro, faltava-lhes o ar que as torna soberanas: eram como os filhos dos reis, á luz de nascer, desataviados, eguaes a todas as creanças que veem ao mundo, podendo trocar-se e confundir-se á falta de característico, á mingua dos attributos que engalanam e symbolisam o convencional poder.

Assim eram, pois, aquellas marcas redondas, postas n'um montinho, luzidas mas eguaes, falhas de grande valor que se lhes ia dar dentro em pouco ao serem revestidas do cunho.

Mas primeiro deitavam-nas no bocal d'outra ma-

china d'on.le d'ahi a pouco jorravam, n'um tilintar doce e alegre, como d'uma fonte milagrosa; tra-

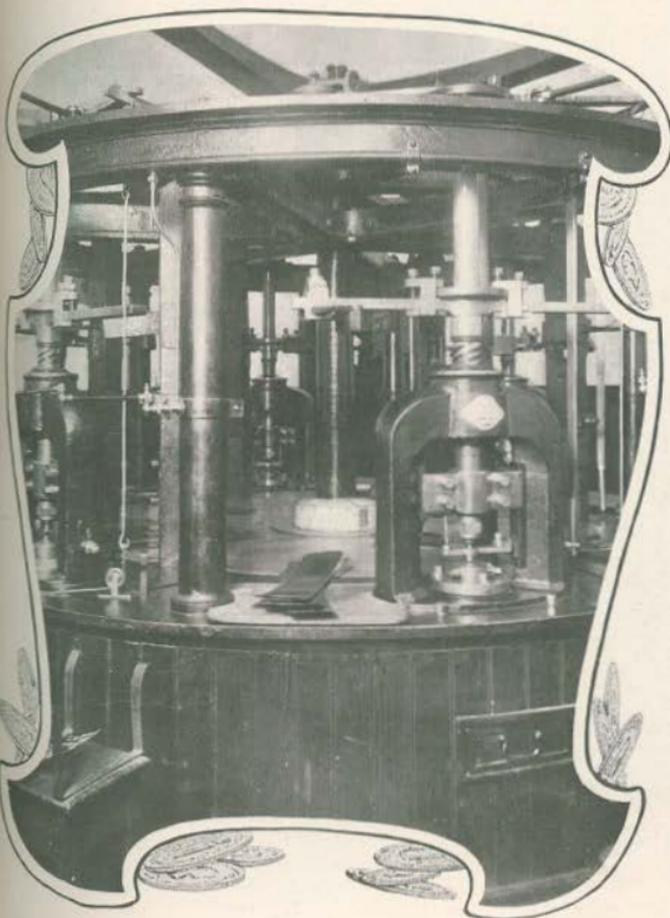


Rebarbando as barras do metal

ziam já o rebordo leve e protector que faz com que o cunho não se gaste senão depois de muito tempo, que o não deixa alastrar-se e deformar-se, verdadeira guarda de corpo real, esse rebordo feito na machina d'on.de as rodellas d'oiro cahiam no seu retintim grato aos ouvidos.

Então iam ser sagradas. Bem pouca cousa era preciso. Iam receber o cunho, e diante da singeleza da operação, pensa-se, sem querer, no nada que em boa verdade é esse dinheiro que ergue os homens contra os homens. Uma rodinha fria e luzente que se colloca n'um prato de machina sob o cunho gravado com a effigie d'um soberano; debaixo outro cunho com as armas d'uma nação, tudo feito com cuidado em aço forte. Um unico operario move o braço da machina onde está o cunho, deixa-o erguer-se e elle cahe, como um carimbo a gravar o oiro; uma laçadeira empurra as rodellas, atrai-as debaixo do cunho para a bocca d'um tubo e ellas cahem luzidas, já poderosas, n'uma vil caixa de folha, e já serrilhadas, porque, rodeando o carimbo onde estão gravadas as effigies regias, ha uma roda dentada e fixa que é a serrilha. A moeda quer alargar pelo esforço do cunho que a chancellia e encontra esses dentes unidinhos e eguaes que a marcam, a serrillham.

Está feita a moeda. Cá fóra milhões de braços luctam por ella, milhões de cerebros se cançam pelo



Saccabocados

seu poder, milhões d'idéas se criam ou para a gerar ou para a aniquilar.

Os alchimistas da idade média ansiavam pela descoberta do oiro químico; os anarchistas de hoje pretendem destruí-lo, e tanto uns como os outros caminharam para o mesmo fim, mas por intuitos diferentes.

O oiro feito no laboratorio, conseguido ás toneladas, seria banal como as pedras da rua, inundaria os mercados, seria como o latão de baixo preço, acabaria por não ser cunhado em moeda pela superabundancia, supprimido enfim ou applicado como uma vulgar materia e escusavam os libertarios de para o liquidarem prégarem a destruição como n'uma paga aos males que esse oiro tem causado.

A PEDRA DE TOQUE ◉ A CONTA-
GEM ◉ A MOEDA E A BOCETA DE
PANDORA ◉ O OIRO E A SUA ACÇÃO
◉ ACABARÁ O DINHEIRO?!

Tornado já moeda, resta verifi-
cal-a. Para isso ha uma balança de

precisão; n'um dos pratos colloca-se o *padrão da moeda*, que lhe verifica o peso; no outro o dinheiro, peça a peça, e é a mesma balança que o aparta para tres compartimentos diferentes. Como um justo— esse padrão—repudia ou acceita a moeda que vai ser posta em circulação, a rodella cunhada que querem bem igual para todos os olhos, para todas as verificações, não para todas as necessidades do homem.

Mas o padrão faz o seu dever de justa-rejeita ou approva e assim se vêem as moedas cabrem em tres compartimentos diferentes ao centro fica a moeda de peso exacto.



no d'um lado a fraca, no do outro a alta.

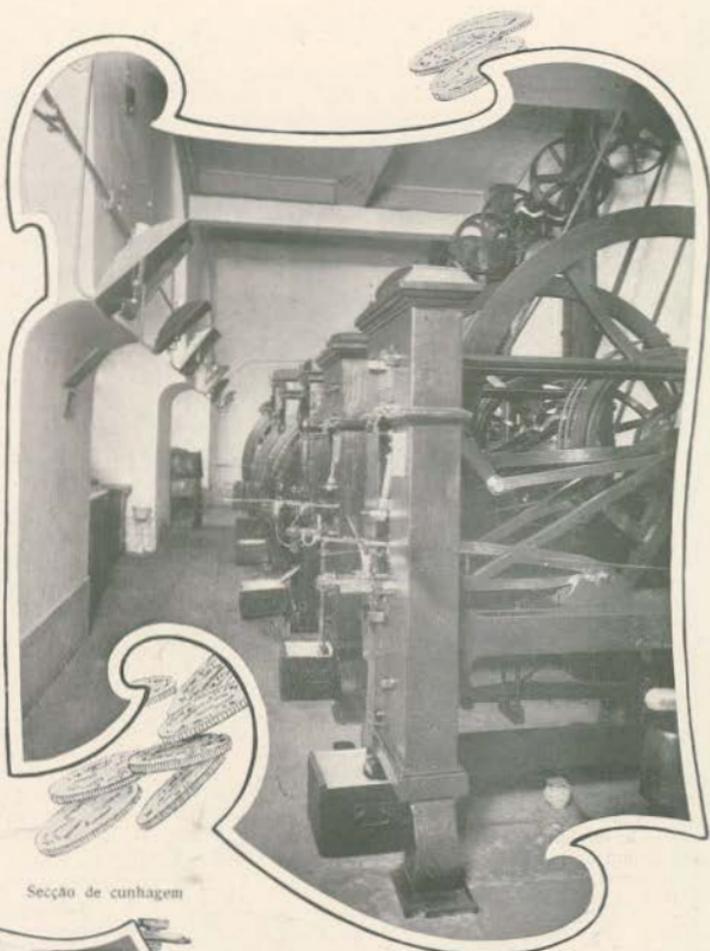
E assim ou a moeda chegada áquelle estadio, como um ser que foi até ás culminancias e tem que recuar toda a vida e voltar ao inicio, é lançada na nova fundição a ser larra, ou vem para o mundo, triumphal e forte,oura e poderosa, crear a sua impassibilidade as latalias e as dôres, os afios e os males.

Falta-lhe ainda, porém, uma cousa. Desde que tenha o peso precisa ter o toque.

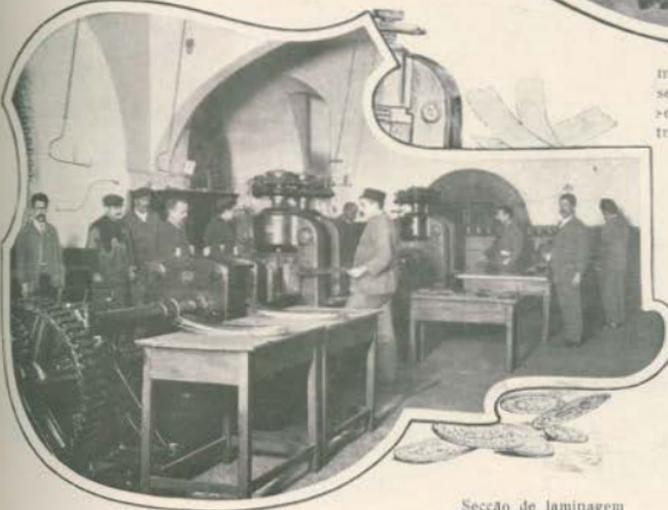
Entra então n'outra officina chamada a escola.

Sobre um grande bocado d'aço deixam-se cair as moedas uma a uma e o ouvido experimentado do operario, habituado ao tinido do ouro, logo que uma desafina n'aquelle côro delicioso, expulsa-a, põe-na de lado como indigna d'essa companhia, tão equal, tão distincta, tão poderosa, falando da mesma maneira, no mesmo tom. E' como se um revoltado fizesse fanhosear tragedias n'uma assembléa de príncipes.

Resta então contal-as. Para isso ha umas taboas do mesmo comprimento e com escarcellas seguidas e eguaes para a mes-



Secção de cunhagem



Secção de laminagem

ma especie de moeda. Agarrou-se esse punhado d'ouro, lançou-o sobre a taboa, as moedas entraram nas divisões logo que foi sacudida e assim contando a primeira fileira e multiplicando pelo numero as outras se sabe quantas moedas foram cunhadas, quantas tem que ser entregues ao fiel. Depois o director, tirando uma ao acaso, verifica-lhe o toque.

Então esses lindos dobrões de D. João V, que a fundição reduzira a barra, apparecendo agora em moedas de cinco mil réis, vão da thesouraria para a vida.

Abre-se-lhes a porta da Moeda, como a d'uma larga boceta de Pandora, onde todos os males estavam encerrados, ellas que antes



Contagem

de dobrões teriam sido outras moedas, agora feitas cinco mil réis e dispõem-se a continuar como uma dynastia sem fim que reina sobre o mundo.

E o velho fundidor, ao vêr as falladas que lhe levarem, ha de dizer na sua resignação de homem impotente para deter a fatalidade:

— Isto nunca acaba! Quando está liquido julga-se

que morre! Depois vae ser sempre e sempre dinheiro!...

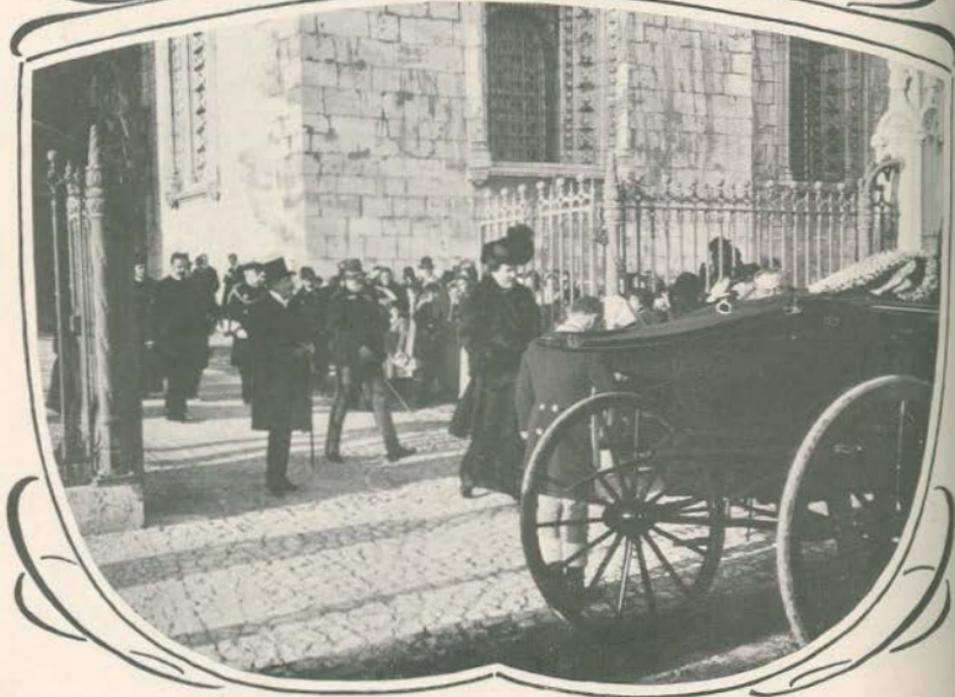
Ellas eram assim. Decerto já sahiram da Moeda como lindas abelhas d'ouro d'uma colmeia farta a irem pelo mundo dando o mel e tambem... as venenosas ferroadas!



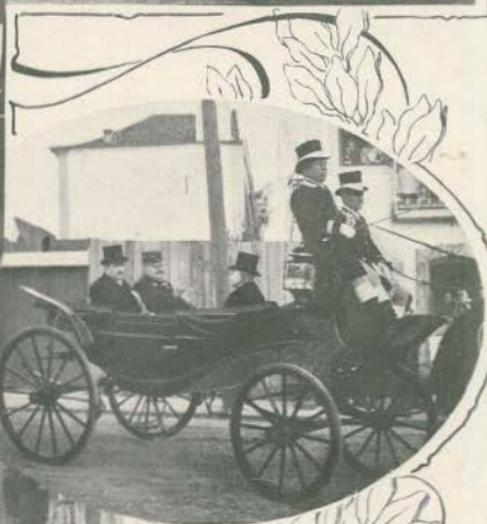
Secção de pezagem



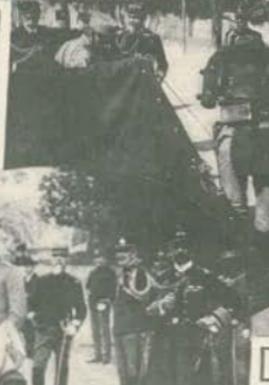
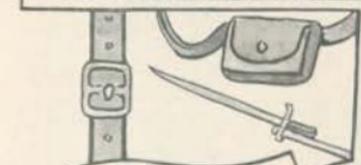
O Príncipe Guilherme de Hohenzollern, hospede dos Reis de Portugal desde o dia 2^o de fevereiro a 1 de março



El-Rei, a Rainha e o Principe Guilherme de Hohenzollern entrando nos Jeronymos—A saída dos Jeronymos



El-Rei, a Rainha e o Principe Guilherme a caminho da Avenida—A carruagem da comitiva—A Princesa Mathilde de Saxe apeando-se no Pateo das Damas, em Belem, para visitar o Museu dos Côches—El-Rei, o Principe Guilherme e o coronel Backmayer a caminho do Paço da Ajuda—A visita do Principe Guilherme á Real Casa Pia



1—El-Rei, acompanhado do Príncipe Guilherme e do ministro da guerra, visitando caçadores. 2—El-Rei e o Príncipe Guilherme na praça d'armas do Castello de S. Jorge. 3—O capitão Menezes mostrando ao Príncipe Guilherme o funcionamento de uma metralhadora Maxim, de novo modelo. 4—O Príncipe Guilherme examinando o equipamento de um soldado de caçadores em ordem de marcha. 5—Ao desarmar uma tenda de campanha. 6—O Príncipe Guilherme na Escola Pratica de Infantaria em Mafra. 7—A instrução preliminar de tiro aos recrutas na Escola de Mafra. (Clichés de Ilustração)



1.º plano:— S. A. a Princesa Mathilde de Saxe, S. M. a Rainha D. Amélia, Príncipe Guilherme de Hohenzollern
2.º plano:— D. Fernando de Serpa, conde de Figueiró, o.ajoz Garcia Guerreiro, barão de Vangheim, barão de Koernitz, a baroneza de Saertner, El-Rei, condessa de Figueiro,
O coronel Backmayer, capitão de fragata Antonio Pinto Bastos, conde de S. Lourenço, D. Fernando Eduardo de Serpa

Grupo tirado no palácio da Pena, depois do almoço oferecido no dia 25 de fevereiro por S. S. M. M. a S. S. A. A. a Princesa Mathilde de Saxe
e príncipe de Hohenzollern

(Clichés de Benolie)



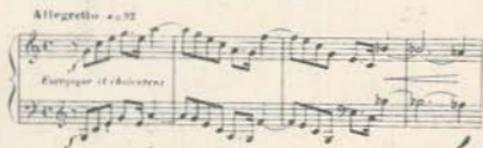
○ sr. Magalhães Lima — O sr. dr. Joaquim Pedro Martins — O sr. Consiglieri Pedroso — Um aspecto da multidão durante o cortejo do dia 24 de fevereiro contra a Lei de Imprensa

(Clichés de Benoit)



Phot. Chéri-Rousseau
GUSTAVE CHARPENTIER
auteur de *Louise*.

Prelude de « Louise »



Donnamos Monsiús Agostinho Franco
critico musical de "Seculo"

avec mes sentiments de haute
estime et de sympathie.

Gustave Charpentier

Autographo que o compositor Gustavo Charpentier, auctor da opera *Louise*, enviou ao critico musical d'O Seculo sr. Agostinho Franco, por motivo dos excellentes artigos n'esse jornal publicados por occasião da primeira audição em Lisboa da opera *Louise*, effectuada na noite de 7 de fevereiro em S. Carlos

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B^o des Ital'ens, PARIS

Comprem as Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas!

Echizen, taffetas de lustro, Louisine para de dia, Mussoine 120 cm. de largura desde fr. 1,25 o metro, um preto, branco, lizo e fantasia, assim como blusas e vestidos em batiste bordado. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)
Exportação de sedas

Piolet SABÃO REAL DE THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"
Basta, plus onction! Hygiene da Pelle e Alivura do Busto

Vende-se em todas as relojoarias de ex. ordem



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias chromancia, phronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenhney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

De consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

SEDATIVO BEIRÃO

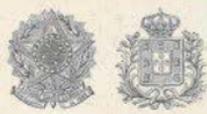
ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hysterics e outros; náuseas, vomitos, diarrheia, abate a elevação do ventre por accumulacão de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, órgãos annexos e dependentes, assim como a energia muscular, regulariza as suas funções e é muito eficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, adstringentes e anti-septicas, muito efficazes para localizar o fluxo brancoutero vaginal (leucorrhœa).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Ene tonicica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, e origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que sobreveem pela cessação final dos menstruos nesta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles órgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorizados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 107. — Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra e colonias: Mr. J. Wiman—Export Druggist, 38 e 50, Bunhill Row London, E. C.

Prêx do frasco: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postal, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.



O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos. Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.^{mo} sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o **Sedativo Beirão** anti-dysmenorrhoico, cujos effectos calmantes se não fizeram esperar. Tenho repetido o uso d'este agradável remedio uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dores. Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jamais conseguí um allivio. Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 d' novembro de 1905 — Esclizia Aurelia Fernandes. (segue o reconhecimento do tabellião A. Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébraïque.

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.^o, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.
RUA DA PRATA, 59, 1.^o—Lisboa

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incl. conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, bruchos a 800 réis, brinços a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

CONCURSO DA PRIMAVERA

UMA FAMOSA
Colleção
de bichos



Premios em dinheiro no valor de 1:000:000 réis, magnificas viagens, joias riquissimas, machinas de varias applicações, mobilias, vestuario, etc., etc.



CONCURSO DA PRIMAVERA

A «Illustração Portugueza» publicará ao todo 50 bichos, e a um bilhete para o grande sorte.

por si formam uma colleção que dará direito ao grande sorteio do Concurso da Primavera.

OS QUE DAMOS HOJE SÃO OS TRES PRIMEIROS D'ESTA SERIE

PREMIOS — Cerca de 2:000 premios — Todos de alto valor

